



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

POESIA E FOLCLORE INFANTIL EM: OU ISTO OU AQUILO, DE CECÍLIA MEIRELES

Autora: Simone Luzia da Silva Sousa. (IFPB) simoneluzia12@hotmail.com
Co- autora (1): Vanda Maria Félix. (IFPB/ PIBID) vandafelix@outlook.com.br
Co- autora (2): Ana Kilvia Mendes Vieira Queiroga (IFPB) anakfabijr@hotmail.com
Co- autora (3): Elisandra Vieira de Sousa Benício (IFPB) elisandravieira2@hotmail.com
Orientadora: Professora Mestre: Sayonara Abrantes de Oliveira Uchoa.
sayonara_abrantes@hotmail.com / sayonara.uchoa@ifpb.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA- e-mail: campus_sousa@ifpb.edu

RESUMO- A poesia folclórica infantil, ao utilizar traços do cotidiano, entrelaçados ao ludismo e ao mundo imaginário da criança, relaciona sua aprendizagem com brincadeira. Nesse viés, o presente artigo tem por objetivo analisar a utilização da poesia folclórica infantil na composição do livro infantil: Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles. A princípio faremos uma breve diferenciação entre poesia infantil e poesia folclórica infantil. Faremos uma sucinta exposição concernente às formas de Folclore Infantil presentes na cultura brasileira. Buscaremos evidenciar o uso da poesia infantil com bases folclóricas. Discutiremos se a composição remete a componentes relacionados ao folclore popular brasileiro, se os poemas abordam a poesia infantil como sendo instrumento de transmissão de tradições, se aproximam do ludismo, e das experiências que constituem a infância.

Palavras- Chave: Poesia Infantil, Folclore, Cecília Meireles.

1. INTRODUÇÃO

A poesia infantil como sendo um instrumento de transmissão das tradições, é utilizada na literatura infantil como forma de aproximação da realidade, fazendo uso das imagens e dos símbolos do pensamento infantil, para expor o ludismo, o imaginário, as descobertas, o medo e as experiências que constituem a realidade da infância.

Autora: Simone Luzia da Silva Sousa. Graduanda em Letras pelo IFPB Campus Sousa.
Co- autora (1): Vanda Maria Félix. Graduanda em Letras pelo IFPB Campus Sousa. Participante do PIBID.
Co- autora (2): Ana Kilvia Mendes Vieira Queiroga. Graduanda em Letras pelo IFPB Campus Sousa.
Co- autora (3): Elisandra Vieira de Sousa Benício. Graduanda em Letras pelo IFPB Campus Sousa.
Orientadora: Sayonara Abrantes de Oliveira Uchoa. Docente IFPB. Coordenadora PIBID. Pesquisadora Grupo de Pesquisa Semântica / CNPQ. Doutoranda em Linguística pela UFPB / PROLING. Mestre em Linguística pela UFPB / PROLING. Especialista em Metodologia do Ensino e Tecnologia Educacional. Graduada em Letras pela UFCG. Contatos: sayonara_abrantes@hotmail.com / sayonara.uchoa@ifpb.edu.br. (83) 996490220



Sabendo que, a poesia é a expressividade dos sentimentos, que tocam a alma, e enriquece o prazer literário, esta arte, tão tradicional, está presente em nossas vidas desde os primeiros momentos de nossa existência, o que nos propicia compartilhar emoções e valores.

Portanto, a poesia transporta o conhecimento, recriando a realidade, formando e modificando a visão do mundo. Para isso, o poeta faz uso do jogo de palavras, da harmonia e do mistério, revelando a liberdade criativa, para expor sua visão do real com traços do lúdico e enigmas solidificando os conceitos e a fantasia.

Nesse contexto, a poesia infantil traz vestígios da realidade interligando o imaginário, e a concepção de mundo que rodeia a criança. Essa poesia é revestida tanto de tradicionalismo quanto de inovações, explorando o tema infantil introduzindo-o ao cotidiano com poemas de versos livres e ritmados.

Da mesma forma, a poesia folclórica acompanha o homem desde o nascimento sob a forma de cantigas de ninar, pois a iniciação a linguagem obedece a níveis de elaboração e superação. Sendo a poesia folclórica tida como uma função iniciatória do processo poético aproveita-se da cultura popular, para introduzir conhecimento e aprendizagem no mundo mágico da criança.

A poesia infantil se diferencia da que utiliza recursos do folclore, pelo uso do conceito pedagógico, visto que, a poesia infantil busca retratar a realidade cotidiana, já a poesia que utiliza recursos folclóricos, busca incluir a criança e o seu mundo lúdico ao poema, retratando a cultura popular envolvendo-a no universo infantil.

Assim, a poesia infantil é repleta de tradicionalidade e doutrinação, ou seja, é utilizada para doutrinar. Para Bilac:

É um livro em que não há animais que falam, nem fadas que protegem ou perseguem crianças, nem as feitiçeras que entram pelos buracos das fechaduras; há aqui descrições da natureza, cenas de família, hinos ao trabalho, à fé, ao dever; alusões ligeiras à história da pátria, pequenos contos em que a bondade é louvada e premiada.

(BILAC 1929, p. 3)

Portanto, a diferenciação está exatamente na linguagem e no respeito ao mundo infantil, visto que, a poesia infantil busca retratar a realidade cotidiana, enquanto, que a poesia que utiliza recursos folclóricos busca incluir a criança, e o seu mundo lúdico ao poema favorecendo a ruptura com a linearidade, e, assim, apresentando um valor estético, emocional e globalizado. Do mesmo modo, retrata a cultura popular envolvendo-a ao universo infantil, seja, pelas cantigas de roda, parlendas, adivinhas, versos de acalanto, trava-línguas, brincadeiras e jogos, sob este ponto de vista torna-se incontestável a atuação da infância no processo de transmissão e preservação dessa poesia popular.



Cecília Meireles no livro “Ou isto ou aquilo” promove o encontro entre poesia e criança, tematizando e valorizando o cotidiano infantil. Abordando temas que estão relacionados à estrutura social infantil, ou seja, abordando de forma simples e completa a inocência, as descobertas, a sensibilidade e a imaginação. Explorando de forma sucinta o universo infantil. Além disso, emprega a poesia aliterações, ilogismo, rimas e ritmos assemelhando seus poemas a parlendas, adivinhas e jogos. Envolvendo as crianças em seu próprio mundo.

2. METODOLOGIA

Para desenvolver este trabalho, realizamos uma pesquisa de natureza bibliográfica. Ancoramos teoricamente em livros e textos online, que nos deram o suporte necessário para compreendermos a importância da poesia infantil e folclórica. Em seguida, procedemos à leitura do livro “OU ISTO OU AQUILO” de Cecília Meireles, a fim de evidenciar e analisar o tratamento dado pela poetisa à infância e à cultura popular que a cerca.

3. MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS

A noção de poesia está fortemente associada ao lirismo, às emoções, ou seja, o poeta utiliza das observações dessas emoções para criar seus poemas. Fazendo uso dos conhecimentos culturais que envolvem a humanidade desde o início dos tempos. O poeta utiliza do jogo de palavras para interligar a cultura popular com o ilogismo presente no universo infantil.

Dessa forma, a poesia folclórica infantil é o relato das experiências e tradições. Esse universo (folclórico) está repleto de costumes, misticismo, mágica, arte, linguagem e mito, que estão presentes na humanidade há tempos. A poesia folclórica é uma acompanhante do homem, pois desde o berço, ainda, sem à iniciação a linguagem somos expostos aos acalantos de nossas mães, ao adquirir a linguagem somos apresentados gradativamente a outros tipos folclóricos os quais vão enriquecendo nosso acervo cultural, linguístico e interativo.

Sabendo, pois da diversidade cultural, que forma o povo brasileiro, e como modo de repassar os conhecimentos adquiridos e relatar a multifacetada poesia folclórica infantil, analisaremos as formas de tradição popular:

3.1 ACALANTOS OU CANTIGAS DE BERÇO:



Fazem referências ao aconchego suave que o bebê recebe nos braços da mãe. Sempre com monotonia melódica e frases longas e chorosas. Essas cantigas ou canções de ninar, além de acalantar, também tinham a função de amansar, ou seja, causavam certo temor, pois, a letra da canção era amedrontadora, acarretando certo pavor na criança. Como se pode verificar em, “Boi, Boi, Boi, Boi da cara preta pega esse menino que tem medo de careta.” Mas, se por um lado a função desses mitos se fazia necessária por outro geravam complexos, que iam além da infância. Esses acalantos eram caracterizados pelas constantes interjeições, os acalantos brasileiros têm origem Portuguesa, outras dessas cantigas são fragmentos de parlendas adaptadas, modinhas populares, cantos religiosos e cantos de negros interpolados com trechos de fados, sempre com musicalidade muitas vezes recebendo enxertos, acréscimos e até exageros.

3.2 PARLENDAS:

Elas têm um aspecto inteiramente caracterizado, diferenciando-se de qualquer outra manifestação folclórica. Existem parlendas simples e complexas, sejam citadas pelos pais ou pelas próprias crianças, são formuladas sempre em rimas ou ditos e sem musicalidade. Diferenciando-se, assim, dos acalantos, jogos, e adivinhas, além de trazer sempre um ensinamento, uma diversão ou crítica.

Essas parlendas estão divididas em três tipos: Brincos, Mnemonias e as parlendas propriamente ditas, esta última incorporando o trava- línguas e o ex-libris infantil.

Detalhando um pouco de cada tipo:

- Brincos são brincadeiras, que envolvem agrados e carinhos para o bebê, que sem sono sorri com felicidade. É um tipo de manifestação folclórica, que mesmo sem andar ou falar a criança participa, mesmo, que de forma passiva, cabendo aos pais à realização do brinco. Vamos recordar? Quem se lembra do carneirinho? Detalhando o brinco temos: o pai ou mãe segurando o bebê pela cintura aproximam-se as cabeças e imitam a marrada do carneiro, dizendo: Carneirinho, Carneirinho, Carneirinho, beeeé.
- Mnemonias são todas as parlendas, que tem por finalidade ensinar algo. Um exemplo bem conhecido é: Um, dois, feijão com arroz,/ Três, quatro, feijão no prato,/ Cinco, seis, feijão pra nós três,/ Sete, oito, feijão com biscoito,/ Nove, dez, feijão com pastéis. (MELO, 1965, p.47)
Essas Mnemonias ensinam com simplicidade e graça, a contar ou marchar tornando-se úteis à educação das crianças.
- Parlendas propriamente ditas se diferem das demais, pois são as próprias crianças que organizam as brincadeiras. Existem vários tipos de parlendas, para saber com quem vai se casar, eu ia por um caminho, Adão foi feito de barro, quem vai ao ar, chuva com sol, e o mais conhecido de todas, hoje é domingo.



Hoje é domingo

Pé de cachimbo

Cachimbo é de barro

Bate no jarro

O jarro é de ouro

Bate no touro

O touro é valente

Chifra a gente

A gente é fraco

Cai no buraco

Buraco é fundo

Acabou o mundo

(Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/outubro/ca21000b.htm> Acesso em 21/06/2015)

3.3 DITOS E RIMAS INFANTIS:

São expressões, rimas, fórmulas verbais e falares comuns, que são transmitidos oralmente entre as gerações. São pequenos dizeres ou provérbios, que envolvem as brincadeiras. Pois, se em uma brincadeira uma criança esconde algo de outra, e com curiosidade se quer saber do que se trata então se executa a seguinte pergunta:

- O que é isso?

E a resposta vem logo em seguida:

- É risco.

Desnorteando o ouvinte da resposta.

Geralmente é uma frase curta, com ritmo e rima rica em imagens, que sintetiza um conceito ou uma regra social.

Exemplo:

“Diga-me com quem andas e te direi quem tu és”.

“Cavalo dado não se olha os dentes”

(Disponível em: <http://www.majtec.com.br/sabedoria/emotivacao/proverbios/proverbios-e-ditados-populares/> Acesso em 21/06/2015)

3.4 TRAVA- LÍNGUAS:



Trata-se de um tipo de parlenda muito curioso, pois consiste em um verso de pronúncia difícil, caracterizado pela repetição o que provoca certa deturpação dos termos sequenciais chegando a modificar o sentido do termo. Podem ser em verso, em palavras soltas ou em expressões como o exemplo a seguir:

“Num ninho de mafagafos,
Seis mafagafinhos há,
Quem os desmafagatizar,
Bom desmafagatizador será”.

(MELO, Veríssimo de. **Folclore Infantil**. Editora Itatiaia Limitada: Belo Horizonte, 1965.)

Esses trava- línguas são considerados um exercício diccional, pois incentivam a pronúncia correta das palavras tornando-se, assim, útil para a pedagogia.

3.5 “EX - LIBRIS” INFANTIS:

É uma expressão latina que significa sinal ou forma escrita na folha de guarda dos livros, acompanhado de nome, iniciais, marcas pessoais, indicando sua propriedade. (Comumente usa-se para “impedir” que seus livros emprestados sejam “esquecidos” de serem entregues).

Vejamos alguns exemplos:

Se este livro for perdido,
Por acaso for achado,
Para ser bem conhecido
Leva o meu nome assinado.

O meu nome é... (F),
Que me foi na pia dado;
Meu sobrenome é... (X),
Que de meu pai foi tirado.

Outra:

Quem este livro pegar
Não causa admiração,
Mas quem com ele ficar
Pega, pega, que é ladrão!

(Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/temas/outubro2008/te11710d.asp> Acesso em 21/06/2015).

Da mesma forma que alguns estudantes, esses ex-libris são utilizados com o mesmo carinho por alguns escritores que os tratam como um brasão familiar, pois cada um (raro o que não possua) possui o seu ex-libris particular e inconfundível.



3.6 ADIVINHAS:

São enigmas ou charadas verbais que estimulam o raciocínio, constituem um objeto personificado e descrito analogicamente. Este tipo de manifestação folclórica está presente em todo o mundo. Lima apud Melo (1965, p. 90), resumiu a importância desta forma da literatura popular na atualidade: “os enigmas têm para nós interesse etnográfico, podem exercer papel educativo e constituem bom entretenimento”.

Portanto, o folclore brasileiro é riquíssimo em adivinhas, e não há quem não conheça uma porção delas.

Veríssimo de Melo (1965) distribui as adivinhas em grupos, vejamos:

I – Mundo físico:

- São sete irmãos, cinco tem sobrenomes e dois não tem?

Resposta = Os dias da semana.

II – Religião e Mitologia:

- Adivinha, adivinha meu bem: Qual é a ave que penas não tem?

Resposta = Ave Maria.

III – Animais:

- O que é o que é? Um país que se come, uma capital que se chupa?

Resposta = Peru e Lima.

IV – Vegetais:

- A mãe é verde, e a filha encarnada; A mãe é mansa, e a filha danada?

Resposta = Pimenta.

V – O homem:

- Quem é que sendo irmã de minha tia, não é minha tia?

Resposta = Minha mãe.

VI – Coisas materiais:

- Eu fui feito de pancada, só sirvo se for bem torto; Vou procurar quem está vivo espetadinho num morto?

Resposta = Anzol.

VII – Atos e Tradições:

- O que é o que ninguém quer ter, e tendo não quer perder?

Resposta = Questão.

VIII – Nomes, Sílabas e Letras:

- Mel sem ser de abelha,

Lã sem ser de ovelha,



Sia sem ser de sela?

Resposta = Melancia.

IX – Problemas:

- Um pato vai subindo uma ladeira, e põe um ovo. O ovo sobe ou desce?

Resposta = Pato não põe ovo.

X – Adivinhas e Contos:

- Um dia, marupé de quatro pés. Comeu marupé de um pé. Veio marupé de dois pés e matou marupé de quatro pés.

Resposta = Uma cabra que comeu um pé de algodão e depois foi morta pelo homem.

(Adivinhas de contos são aqueles que sintetizam contos, que se explicam através de uma estória).

(Disponíveis em: MELO, Veríssimo de. **Folclore Infantil**. Editora Itatiaia Limitada: Belo Horizonte, 1965.)

4. CECÍLIA E O UNIVERSO INFANTIL

Tomando consciência da importância desse tipo de poesia, para a unificação e exposição do mundo infantil. Cecília Meireles busca atender as expectativas do leitor- criança no livro “*Ou isto ou aquilo*”, no qual trabalha a poesia folclórica em sua intenção lúdica. Há um grupo de poemas no livro, que põe em evidência a importância da brincadeira, e remete traços do folclore brasileiro, que, de certa forma marcam as lembranças da infância, identificadas nos jogos de palavras, nas cantigas de roda, cantigas de berço, trava línguas, adivinhações e parlendas.

Todos os poemas do livro têm seu encanto particular, que muitas vezes, chama a atenção pela linguagem simples e singela. Analisaremos os poemas abaixo com o intuito de identificar a presença da referência folclórica.

O poema “O menino do FF e do RR” evidencia a reprodução do ludismo em forma de trava-língua, tipo específico de parlenda, no qual a autora brinca com as palavras explorando a sonoridade, cuja repetição fonética em ritmo acelerado provoca dificuldades de pronúncia, e o trocadilho de palavras semelhantes, levando o leitor ao riso fácil.

O menino dos FF e RR

O menino do ff e rr

É o Órfeu Orofilo Ferreira:

Ai com tantos rr, não erres!



Já em “O Menino Azul”, Cecília Meireles resgata o universo infantil de maneira lúdica e encantadora, retomando as brincadeiras infantis. Nesse sentido, as expressões do poema “O menino azul”, remetem-se a infância, ao infinito, como o céu e o mar, e a imaginação de uma criança. Diferentemente do limitado valor do jogo para o adulto, para a criança essa atividade tem o papel de possibilitar a manifestação de sua fantasia de maneira gratuita, explorando seus sentimentos.

O Menino Azul

O menino quer um burrinho
para passear.

Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
- de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,



pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.)

Fazendo uso especialmente da repetição sintática e semântica, ou seja, o chamado ritornelo, em “Canção” provoca uma monotonia melódica, a musicalidade é garantida, ainda, pelo ritmo dos versos cuja métrica predominante é duas e cinco sílabas. Essa musicalidade impulsiona os movimentos (vai e vem), que entre a realidade e a fantasia, entre o adormecimento e a consciência. Assemelhando-se a uma cantiga de ninar, com o ritornelo e a representação do real, evidenciados pela valorização das sensações, das imagens infantis e do cotidiano.

Canção

De borco
no barco.
(De bruços
no berço...)
O braço é o barco.
O barco é o berço.
Abarco e abraço
o berço
e o barco.
Com desembaraço
embarco
e desembarco.
De borco
no berço...
(De bruços



no barco...)

O poema “A chácara do Chico Bolacha”, com rimas e ritmo incontestável, produz uma imaginação, que leva o leitor a se imaginar na própria chácara. A estruturação do poema com suas rimas e sonoridades assemelha-se a uma parlenda. Apresenta o lúdico através de uma brincadeira com o som das palavras. A autora não se preocupa muito com a linearidade, pois os fatos e ações não obedecem a uma ordem sequencial, isso não abala a estrutura formal nem o sentido do poema.

A chácara do Chico Bolacha

Na chácara do Chico Bolacha

o que se procura

nunca se acha!

Quando chove muito,

O Chico brinca de barco,

porque a chácara vira charco.

Quando não chove nada,

Chico trabalha com a enxada

e logo se machuca

e fica de mão inchada.

Por isso, com Chico Bolacha,

o que se procura

nunca se acha.

Dizem que a chácara do Chico

só tem mesmo chuchu

e um cachorrinho coxo

que se chama Caxambu.

Outras coisas, ninguém procura,

porque não acha.



Coitado do Chico Bolacha!

CONCLUSÕES

Entrelaçando o pensamento de Cecília as nossas descobertas e recordações, podemos assim dizer, que a poesia infantil tem o papel de “conduzir o interesse da criança desse terreno superficial para outros mais longínquos, mais fecundos, mais favoráveis à sua formação interior” (Meireles, 2001, v.1, p.147-148).

Ler a poesia folclórica infantil é sentir, de forma muito especial coisas que vimos, pensamos, experimentamos e imaginamos, afinal já fomos crianças e todas essas coisas fizeram parte do nosso mundo lúdico, cheio de sonhos e desejos.

Portanto, Cecília Meireles ao considerar a poesia infantil como instrumento capaz de levar a própria criança ao autoencontro, utiliza desta para retomar a imaginação, a inocência e o lúdico, e não como um ato moralizador com o intuito de ensinar.

REFERÊNCIAS

MARTHA, Alice Áurea Penteadó: **Literatura infantil - a poesia**. Universidade Estadual de Maringá. (www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40361/3/01d17t10.pdf) acesso em 18/06/2015.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração de Fernanda C. Dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MELO, Veríssimo de. **Folclore Infantil**. Editora Itatiaia Limitada: Belo Horizonte, 1965.

Obra-fonte: Projeto Memória de Leitura. Obra de referência: BILAC, Olavo. **Poesias Infantis**. RJ: Francisco Alves. 1929. (http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/poesias_infantis_de_olavo_bilac-1.htm)

PONDÉ, Gloria Maria Fialho. **Poesia e Folclore para criança**. In: ZILBERMAM, Regina, (Org.). *A produção Cultural para a Criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.